

A TRAJETÓRIA DO JOVEM ESTUDANTE DO ENSINO TÉCNICO, NA OPINIÃO DOS ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – IFSP.

Luciana Neves Loponte

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
luloponte@terra.com.br

Resumo: O texto apresenta a opinião dos jovens estudantes do ensino técnico do IFSP, a respeito de sua trajetória entre a escola e o futuro. O método consta de pesquisa empírica, que investigou a relação entre educação profissional e juventude, tendo como referência os interesses da juventude, a respeito de sua trajetória pessoal e da expectativa que manifestam entre a escola e o futuro. Entre os resultados constatou-se que “a trajetória do jovem estudante do ensino técnico do IFSP é de uma relação direta entre a escolha pelo curso e a busca pela profissão na área de formação”, embora busquem a profissão a partir da escolha pelo curso, os jovens, não tem a intenção de exercê-la depois de formados.

Palavras-chave: educação profissional; ensino técnico; juventude.

INTRODUÇÃO

O presente texto é parte integrante da tese que investigou a relação entre educação profissional e juventude, no âmbito da educação profissional de nível médio, tendo como referência os interesses da juventude, a respeito de sua trajetória pessoal e da expectativa que manifestam entre a escola e o futuro. Entre os assuntos debatidos na pesquisa questionou-se se: a escolha pelo curso e a busca pela profissão para ingresso no mercado de trabalho, possuem uma relação direta na trajetória do estudante do ensino técnico?

A família tem um papel importante na escolha da trajetória escolar do jovem, principalmente no caso de se optar por um curso profissionalizante — seja com a finalidade de obter um trabalho num futuro próximo, seja utilizando-se desse tipo de formação para ingressar na universidade. Admite-se que tanto as exigências e as expectativas elaboradas pela família quanto sua condição socioeconômica sejam fatores determinantes e definidores da trajetória seguida pelo jovem na escola. Esses são aspectos debatidos na pesquisa realizada com jovens do IFSP. A questão da falsa ideia de ascensão social e a preocupação quase exagerada pelo trabalho, que acabam revelando esse fundo utilitarista da escola — identificado no estudo de Pereira (1969) em escola de ensino regular —, têm estreita relação com a pesquisa realizada com estudantes do ensino técnico. Esses aspectos são ainda mais marcantes atualmente nas escolas de educação profissional, pois mesmo que muitos alunos ingressem no ensino técnico sem uma pretensão imediata de trabalho, faz diferença na trajetória desses jovens o fato de terem passado por uma escola profissionalizante. Quanto à preocupação quase exagerada pelo trabalho, afirma-se aqui que este é, de fato, o objetivo de uma escola de ensino profissional como a pesquisada, isto é, receber jovens que querem uma formação para o trabalho. A visão

utilitarista que Pereira critica em sua pesquisa é precisamente o que as escolas de educação profissional de hoje em dia se propõem a ser: um trampolim para o mercado de trabalho. Porém, questiona-se se é realmente isto o que querem os jovens que atualmente procuram o ensino técnico e quais são suas expectativas de futuro.

Na pesquisa de campo realizada com alunos do IFSP, essas questões apontadas pelo autor também estão entre os motivos de escolha do curso técnico — como, por exemplo, a identificação da condição socioeconômica da família do aluno, a posição da família na opção pelo curso técnico e o papel da escola.

Motivos de escolha pelo curso profissionalizante

A pesquisa contou com uma escala dividida em cinco sub temas, sendo que um deles denominou-se de “escolha do curso profissionalizante” e foi elaborado visando verificar quais os motivos que levaram o jovem a ingressar num curso técnico. A hipótese formulada nesse sentido foi a de que a trajetória do jovem estudante do ensino técnico do IFSP não é a de uma relação direta entre a escolha pelo curso e a busca pela profissão na área de formação. O aluno escolhe o curso e a escola com o objetivo de ter uma formação técnica reconhecida e gratuita e também para adquirir um bom preparo para a universidade.

Dois itens foram elaborados visando alcançar um dos objetivos da pesquisa, qual seja: verificar o que respondia o jovem a respeito de sua trajetória entre a escola e o futuro. Entre os motivos que o levaram a optar pelo ensino profissionalizante de nível médio, relacionados no instrumento de pesquisa estavam: a pretensão de ingressar imediatamente no mercado de trabalho e porque o curso dá um bom preparo para a universidade. Os itens foram redigidos com a finalidade de identificar se o aluno optou pelo curso objetivando trabalhar como técnico ou se pretendia fazer um curso superior, visto que, os alunos do IFSP costumam atingir bons resultados nos vestibulares das instituições públicas da região.

Pelas razões explicitadas acima, é fundamental analisar detalhadamente esses itens, pois seus conteúdos são distintos no que se refere aos motivos de escolha pelo curso. Há de se considerar que a legislação referente a tal ensino supõe o encaminhamento dos jovens ao mercado de trabalho, conforme detalhamento em pesquisa realizada.

A tabela abaixo apresenta o cruzamento das respostas dadas às questões.

Tabela 1 — Ingressar no mercado de trabalho e preparo para a universidade, segundo opinião dos alunos

Ingressar no mercado de trabalho	Preparo para a universidade		TOTAL
	Concordância		
Concordância	36	11	47
Discordância	21	13	34
TOTAL	57	24	81

Observe-se que, pela tabela 1, na amostra de oitenta e um alunos de ensino técnico, trinta e seis alunos, que equivale a 44,4%, concordaram como sendo motivos que os levaram a procurar um curso técnico, tanto a pretensão de ingressar imediatamente no mercado de trabalho e ter uma profissão, quanto obter um bom preparo para a universidade; trinta e dois deles (21 + 11) responderam de forma oposta às questões, mostrando que alguns pretendiam ou uma coisa ou outra (ou ingressar imediatamente no mercado de trabalho ou se preparar para a universidade) e finalmente treze alunos discordaram que visaram qualquer uma das opções.

Os resultados mostram que, embora, 36 em 81 indique uma proporção alta de concordância quanto ao dois motivos, não é a maioria; a maioria é obtida pela soma dos 32 que divergem (22+11), mais os 13 que responderam confusamente (pois, não concordaram com nenhuma das afirmações) totalizando, portanto 45 de 81 alunos. Esse resultado contribui para a não rejeição da hipótese de independência, ou seja, de que buscaram o curso por um ou outro motivo. A hipótese formulada na pesquisa de que a trajetória do jovem estudante não é uma relação direta entre a escolha pelo curso e a busca pela profissão na área de formação, não se confirma; para essa relação não ser direta a maioria dos alunos deveriam concordar com as duas afirmações e não é isso que ocorre. Contudo, a proporção alta de concordâncias quanto aos motivos (36 em 81) sugere que, em pesquisa futura, os itens sejam reformulados de modo a serem de fato independentes.

A questão que afirma como motivo de escolha pelo curso a pretensão de ingressar no trabalho traz consigo a expressão “imediatamente”. A inserção da expressão se deu na tentativa de tentar mapear o que de fato pretendiam os jovens aos escolher o curso.

A segunda opção com maior incidência de respostas foi vinte e um alunos, que equivale a 25,9%, que concordaram com a afirmação de obter um bom preparo para a universidade e discordaram com a afirmação de ingresso imediato no mercado de trabalho. Sabe-se, portanto que a universidade é uma pretensão dos alunos, fato que é positivo. O resultado é bastante relevante, pois se trata de uma instituição pública que visa inserir os jovens no mercado, sendo utilizada como degrau para a universidade. Porém torna-se necessário o debate de vários aspectos que interferem nesses motivos de escolha dos jovens. Há de se considerar o prestígio da formação universitária, diante da formação técnica, as exigências do próprio mercado quanto à formação, as poucas ofertas de trabalho, diante da quantidade de candidatos a uma vaga, entre outras questões. Pode ser que esses alunos tenham como meta a universidade depois de ingressarem no mercado de trabalho, até mesmo porque existe a obrigatoriedade do estágio para o aluno que conclui o curso. Tão logo concluído o estágio o aluno pode requerer o diploma de técnico.

A terceira maior incidência de respostas, entre as duas questões, se deu na opção discordo de ambas as afirmações. Tal resultado chama a atenção, pois a julgar pelos resultados, não foi motivo de escolha, de treze alunos, ingressar imediatamente no mercado ou buscar preparo para a universidade. Esse resultado é um dado difícil de ser interpretado, pois não se trata de redação, considerando as demais respostas dadas as questões bem como o fato de o instrumento ter sido testado. Na busca de respostas a esses resultados constatou-se que, desses 13 alunos, seis deles

responderam à maioria das afirmações da subescala escolhendo pela opção de discordância, uma vez que a média dos resultados desses alunos foi superior a 3,0.

A quarta maior incidência de respostas, onze alunos de um total de oitenta e um, se deu nas opções: concordância em relação à busca pela profissão e ingresso no mercado de trabalho e discordância quanto à preparação para a universidade. Tal resultado se mostra coerente com os objetivos propostos por tal nível de ensino.

Conforme já comentado, grande parte dos alunos tem a pretensão de fazer curso superior, após a conclusão do técnico. Resta saber a que tempo? Pode ser que nem todos os alunos pretendam fazer as duas coisas logo após a conclusão do curso? Quem sabe pretendem trabalhar e estudar ao mesmo tempo? Os resultados daqueles que opuseram uma afirmação diante de outra foi relevante (21 + 11). Estes alunos também pretendem as duas coisas, porém deixaram claro qual foi o primeiro motivo de escolha pelo curso, diante do outro.

Embora a hipótese não tenha se confirmado tais resultados levam a pensar que as mudanças vividas pela juventude, não são acompanhadas pelas modificações dos cursos técnicos. As exigências do próprio mercado de trabalho, quanto ao currículo do candidato ao emprego e as possibilidades de uma carreira promissora - do ponto de vista do mesmo mercado, só são possíveis mediante formação, no mínimo universitária, nos dias atuais. Os jovens sabem da pouca oferta de trabalho, diante do enorme contingente de pessoal em busca de um emprego, principalmente entre os próprios jovens, ainda sem experiência. O curso técnico pode significar a diferença no currículo, porém daquele que possuir o ensino superior. A formação técnica pode ser um diferencial e até mesmo uma porta de entrada para o mercado, porém o ensino superior aparece no plano pessoal do jovem.

Para o jovem que opta por fazer o curso técnico, pensar na possibilidade de ingresso no mercado de trabalho exige dele uma mudança da condição de estudante para a de trabalhador. Esta por sua vez exige do indivíduo o ajuste ao processo produtivo e a busca de eficiência para o desempenho de serviços a ele atribuídos em prol da racionalidade estabelecida pela técnica.

Diante disso e dos resultados encontrados, é de se perguntar: será que o jovem que busca o ensino técnico no IFSP está pronto para essa mudança, ou disposto a encará-la nesse momento de sua vida? Melhor: será que este aluno precisa trabalhar ao concluir o curso técnico? A condição socioeconômica da família exige a mudança da condição de estudante para trabalhador, nessa etapa da vida desses jovens? A própria família não estará incentivando a continuação dos estudos, visando a formação universitária?

As respostas a essas perguntas foram debatidas a partir dos resultados obtidos nas outras subescalas do instrumento de pesquisa.

As demais questões da mesma subescala aqui analisada abordaram como motivos de escolha pelo curso algumas possibilidades futuras, tais como: bom emprego, bom salário, o trabalho em si, a universidade, ou, ainda, as razões que possam ter interferido na escolha pelo curso, como, por exemplo: a família, um amigo ou parente, a própria escola, o curso e também o fato de o ensino ser gratuito.

No percurso feito pelos jovens da família até o mercado de trabalho, encontram-se as ‘escolhas’ que eles tomam para seu acesso ao mundo adulto. Para entender essas escolhas deve-se considerar a existência de relações interpessoais, vínculos de responsabilidade e preocupação em corresponder às expectativas da família.

No tocante a essas escolhas, os alunos pesquisados não apontam a orientação da família, parentes ou amigos na opção que fizeram pelo curso técnico. Essa preocupação em corresponder às expectativas da família não aparece, portanto, nos resultados das afirmações dessa subescala, o que não permite afirmar que essa preocupação não se reflita no cotidiano desses jovens, até mesmo porque eles afirmam que uma das razões pelas quais optaram por um curso técnico foi a possibilidade de obter um bom emprego e um bom salário a partir da formação técnica.

Conforme apresentado e analisado anteriormente, os alunos concordaram como sendo motivos de escolha pelo curso profissionalizante os seguintes itens, agora apresentados em ordem crescente de afirmação:

1º lugar: “Procurei o curso técnico porque a escola é reconhecida”. Foi a afirmação com a qual a maioria dos alunos concordou totalmente, sendo a menor média da subescala, o que mostra a concentração de respostas no escore 1 do instrumento de pesquisa, que representam concordância total com a afirmação. Por mais que a escola hoje não seja garantia de emprego, os alunos que buscam o ensino profissional no IFSP ainda reconhecem na instituição escolar, uma possibilidade de alicerce para o seu futuro profissional.

2º lugar: “Procurei o curso técnico para obter uma formação profissional e para obter um treinamento para o mercado de trabalho”. As médias das respostas a essas duas questões foram muito próximas. Os alunos concordaram plenamente com ambas as questões, demonstrando interesse pelo trabalho futuro.

3º lugar: “Procurei o curso técnico porque o curso dá possibilidade de bom emprego e bom salário”. Ao concordarem totalmente com a afirmação, mais uma vez os jovens apontam na direção da busca pelo percurso até o mundo do trabalho.

Nas questões a seguir, a concentração de respostas se deu no escore 2 do instrumento de pesquisa, que representam concordância parcial com as afirmações. Os jovens alunos, portanto, concordaram parcialmente como sendo motivos de escolha do curso profissionalizante, em ordem crescente de afirmação: “Porque o curso dá um bom preparo para a universidade”; “Porque o ensino é gratuito”; “Porque pretendo ingressar imediatamente no mercado de trabalho e ter uma profissão”; “Porque o curso que faço é mais valorizado socialmente e de maior prestígio”.

Quanto às demais afirmações da subescala, os alunos não concordaram como sendo motivos de escolha pelo curso profissionalizante. A concentração de respostas nestas questões, se deu no escores 3 e 4, que representam respectivamente discordar parcialmente e totalmente das afirmações. São elas: “Por se tratar de um curso fácil”, “Foi o único curso profissionalizante a que tive acesso”; “Por recomendação da família, para que possa começar logo a trabalhar”; “Porque um parente ou amigo estudou aqui”.

Analisando os resultados encontrados, pode-se considerar que, se os alunos apontam na direção do mercado de trabalho como sendo um dos principais motivos de escolha pelo curso profissionalizante, é possível afirmar que mesmo que almejem por formação, esses estudantes adaptam-se às necessidades sociais estabelecidas e ligadas à manutenção do sistema econômico, na busca pelo trabalho e pela profissão. É dessa maneira que esses jovens vêem o IFSP, ou seja, como um sistema escolar institucionalizado e consolidado para qualificar o trabalhador e atender assim às exigências do capitalismo.

Nesse sentido, sobre os ensinamentos de Marx e Engels em seus escritos sobre a relação entre educação e trabalho no modo de produção capitalista, destaca-se que: “A relação entre a divisão do trabalho e a educação e o ensino não é uma mera proximidade, nem tampouco uma simples consequência; é uma articulação profunda que explica com toda clareza os processos educativos” (Marx; Engels, 2004, p. 16).

Expectativas de futuro

A subescala “Expectativas de futuro” foi elaborada visando identificar o que dizem os jovens a respeito de sua trajetória entre a escola e o futuro. A hipótese recorrente a esse objetivo é a de que as expectativas de futuro dos estudantes que cursam o ensino técnico são mais voltadas para a continuidade dos estudos do que para ingressar imediatamente no mercado de trabalho. A finalidade do curso poderá não ser a mesma que a dos alunos, de maneira que, para verificar a pretensão destes alunos após a formação técnica, foram dadas a eles diferentes opções de respostas sobre o que pretendem depois de concluir o curso.

Ingressar no mercado de trabalho ou fazer curso superior

Ao serem elaboradas essas afirmações, supôs-se que, ao responder de modo afirmativo que tinham a pretensão de ingressar imediatamente no mercado de trabalho, os alunos tenderiam a responder que discordavam da afirmativa de continuar estudando e de ingressar futuramente numa universidade — e vice versa. A tabela abaixo apresenta os resultados encontrados a fim de possibilitar um comparativo de respostas a essas duas questões.

Tabela 2 — Ingressar no mercado de trabalho ou fazer curso superior, segundo opinião dos alunos

Ingressar no mercado de trabalho na área do curso	Continuar estudando e fazer curso superior		TOTAL
	Concordância	Discordância	
Concordância	45	2	47
Discordância	32	2	34
TOTAL	77	4	81

Pelos resultados encontrados, a pretensão ao concluir o curso é tanto para ingressar no mercado de trabalho, na mesma área do curso, quanto para continuar estudando e frequentar a universidade. Em seguida vêm aqueles que discordam que a pretensão imediata seja ingressar no mercado de trabalho e concordam com a afirmação de continuar estudando para fazer curso superior (39,5%). Sendo assim, considerou-se que para os alunos existe associação entre as duas afirmações.

Os alunos que cursam o ensino técnico potencialmente tendem a pensar da mesma maneira quer seja em relação a ingressar no mercado de trabalho, que seja em relação a continuar estudando e fazer um curso superior. A relação, portanto não é direta, por um ou outro motivo, como pressupõe a lei, principalmente no que se refere a possibilidade de ingresso no trabalho.

Saber quais são as expectativas de futuro dos jovens estudantes dos cursos técnicos foi um dos objetivos principal da pesquisa, pois o que se questiona é se de fato as expectativas desses alunos ao concluir o curso técnico são as mesmas da legislação, da instituição e do próprio curso, que visam possibilitar o ingresso no mercado de trabalho, pelos jovens formandos.

Ao afirmarem que tem as duas expectativas, os alunos não optaram por uma resposta diante de outra, como era de se pressupor, eles concordaram com ambas as afirmações. Esse resultado é seguido de perto por aqueles que afirmam que primeiramente pretendem continuar estudando e fazer um curso superior do que trabalhar.

Cabe destacar que não se questiona aqui essa expectativa dos alunos pelo curso superior, isso é um aspecto muito positivo. Porém cabe questionar essa educação tão voltada ao mercado de trabalho, que perde naquilo que poderia dar de formação de fato e acaba por priorizar as atividades de treinamento e conhecimentos específicos voltados ao trabalho.

Um aspecto que não pode deixar de ser considerado é a cidade onde o campus escolhido está inserido e a caracterização de seus alunos. Trata-se de uma instituição de ensino profissionalizante localizada em uma capital, onde existe uma grande demanda de alunos que buscam o ensino técnico e ainda gratuito. As exigências do mercado, conhecidas pelos jovens, diante do enorme contingente que busca o emprego também deve ser considerados. Se a mesma pesquisa fosse realizada em uma outra cidade, numa região menor, com poucas expectativas de futuro – trabalho e estudo – seu resultado poderia ser diferente. Para possibilitar o ingresso no IFSP, por jovens que de fato precisam trabalhar, torna-se necessário debater outras questões relativas a forma de acesso.

Mesmo diante da conclusão do curso técnico e diante do fato de ter uma profissão e um diploma, os jovens estudantes do IFSP não hesitam em afirmar que pretendem continuar estudando e fazer um curso superior. Esta afirmação, no caso, é a segunda de menor média da escala geral — o que, aliás, é um fato bastante positivo, pois aponta na direção da busca por mais formação. O que se destaca novamente aqui, porém, é que esse resultado contraria os objetivos que regem tal nível de ensino.

Vale lembrar que este é o resultado da pesquisa realizada com alunos de cursos técnicos do IFSP do *campus* da cidade de São Paulo. Seria importante, inclusive, compará-lo com os

resultados de pesquisas que possam ser realizadas em outros *campi* do mesmo instituto ou, ainda, em *campus* de outros institutos da rede federal. Os resultados encontrados poderiam refletir as diferenças de acordo com as oportunidades de futuro para os jovens, em diferentes cidades ou Estados pesquisados.

Tal resultado pode configurar também a perda de otimismo da juventude brasileira em relação às suas expectativas de sucesso quanto ao ingresso no mercado de trabalho, como já apontado por Pochmann (2007). Uma das razões destacadas pelo autor para a perda desse otimismo é a grande taxa de desemprego registrada entre os jovens no país — 19,4% da população jovem estava desempregada no Brasil em 2005.

Apesar disso — ou exatamente por causa disso, tendo em vista as exigências por qualificação impostas pelo mercado de trabalho e a concorrência cada vez maior que há na sociedade —, a maioria desses jovens escolhe um curso profissionalizante em busca de uma profissão, e, ainda, ao se formar no curso técnico, a maior parte desses alunos pretende frequentar uma universidade. Ora, eles têm a dimensão das dificuldades e das necessidades que o mercado de trabalho impõe a todos, além, é claro, da grande oferta de mão de obra diante de uma demanda cada vez mais reduzida em virtude da tecnologia — e, por fim, sem deixar de considerar a questão do prestígio que uma formação universitária possui na sociedade brasileira.

CONCLUSÕES

Em relação aos motivos de escolha pelo curso profissionalizante, os alunos apontam na direção do mercado de trabalho. Diante da possibilidade de frequentar somente o ensino médio, esses jovens optaram por um curso profissionalizante, evidenciando assim uma adaptação às necessidades sociais estabelecidas e ligadas à manutenção do sistema econômico (e, obviamente, pela necessidade de trabalhar e de ter uma profissão, mesmo que não seja logo após a conclusão do curso).

Embora a hipótese de que “a trajetória do jovem estudante do ensino técnico do IFSP não é a de uma relação direta entre a escolha pelo curso e a busca pela profissão na área de formação”, não tenha se confirmado, o que ficou evidente é que, mesmo buscando uma profissão a partir da escolha pelo curso, os jovens parecem não ter a intenção de exercê-la imediatamente, concluído o curso técnico. A expressão “não ter relação direta”, certamente contém vários significados. Um deles, provavelmente, sugere que a perspectiva adotada pelo jovem estudante é a de que ter uma profissão propicia uma segurança para o futuro ou uma condição mais favorável para continuar a estudar, no ensino superior. Em suma, a formação técnica parece orientar o futuro profissional do jovem estudante do IFSP — à medida que ele afirma escolher o curso em busca de uma profissão — embora ele não tenha como objetivo ingressar imediatamente no mercado de trabalho, tão logo tenha concluído o curso, pois, também foi motivo de escolha obter um bom preparo para a universidade.

A hipótese formulada de que “o aluno busca no IFSP formação profissional e treinamento para o mercado de trabalho”, confirmou-se na pesquisa realizada. A educação que tem por

incumbência a formação do caráter do indivíduo, porém, fica relegada a segundo plano, na sociedade administrada que determina à escola a adoção da instrução e do treinamento estabelecidos pelo setor produtivo. Dessa forma, confundem-se as esferas da formação e do treinamento para o estudante, dada a racionalidade técnica da sociedade.

Quanto às expectativas de futuro, os resultados demonstraram que os alunos pretendem fazer um curso superior mesmo diante do curso técnico concluído e de já possuírem uma profissão. Esse foi um resultado bastante relevante na pesquisa, pois reflete um cenário de descompasso entre aquilo que propõe a lei e aquilo que de fato ambicionam os jovens que buscam ensino profissionalizante e público no IFSP.

Essa ponderação justifica a congruência da hipótese de que “o aluno procura o ensino técnico porque pretende ingressar no mercado de trabalho e preparar-se para a universidade, concluindo que “as expectativas de futuro dos jovens que cursam o ensino técnico estão mais voltadas para a continuidade dos estudos do que para ingressar imediatamente no mercado de trabalho”.

Mesmo que almejem formação, os alunos mostram uma adaptação às necessidades sociais estabelecidas, ligadas a manutenção do sistema econômico, na busca pela profissão e pelo trabalho. Assim, aparece a escola como um sistema escolar institucionalizado e consolidado para qualificar o trabalhador de maneira a atender as exigências do sistema produtivo, dada a relação educação e trabalho no modo de produção capitalista.

As mudanças vividas pela juventude parecem não ser acompanhadas pelas reformas frequentes da educação profissional de nível médio. Enquanto estas vinculam e desvinculam o ensino médio do técnico, os alunos apontam para a busca por formação profissional e também para o ensino superior. As exigências do mercado de trabalho e as expectativas por formação universitária precisam ser levadas em conta, para que a juventude, ao optar pela trajetória do ensino profissional tenha a possibilidade de obter, na escola, uma educação crítica, não só treinamento e instrução. A formação técnica e geral do jovem, tal como se apresenta atualmente, não supõe uma educação para a emancipação e evidencia uma das contradições básicas da sociedade brasileira. Isso significa que é importante continuar a crítica da educação profissional de nível médio, pois, a técnica, a ciência e a tecnologia são elementos fundamentais de uma sociedade racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Textos sobre educação e ensino. Karl Marx e Friedrich Engels*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 4ª edição. São Paulo: Centauro. 2004.
- PEREIRA, João Batista B. *A escola secundária numa sociedade em mudança*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1969.
- POCHMANN, Márcio. *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. 2ª edição. São Paulo: Publisher Brasil. 2007.